

Atotô Obaluayê! Olubajé no Ilê Axé Akaraizô

Resumo: O Olubajé de Obaluayê, realizado no Ilê Axé Akaraizô, constitui-se como interessante motivo para uma imersão visual fotográfica, experiência etnográfica em contexto urbano, em âmbito religioso urbano. Os processos de interação são de interesse antropológico, assim como os links possibilitados para se pensar, de uma perspectiva visual antropológica, sobre as relações entre a religião, o candomblé, e a cidade, a partir de uma festa de orixá.

Palavras-chave: antropologia urbana, antropologia visual, fotoetnografia, Olubajé, Obaluayê.

Atotô Obaluayê! Olubajé no Ilê Axé Akaraizô

Abstract: The Olubajé de Obaluayê, happened at Ilê Axé Akaraizô, is an interesting motivation for a photographic visual immersion, ethnographic experience in urban context, in urban religious context. The processes of interaction are of anthropological interest, as well as the links made possible to think, from an anthropological visual perspective, about the relations between religion, candomblé, and the city, from an orixá festival.

Key words: urban anthropology, visual anthropology, photoethnography, Olubajé, Obaluayê.



1 - Bacharel em antropologia (FFCH / UFBA), mestre em antropologia (PPGA / UFBA); doutorando em antropologia social (PPGAS / UFRGS); bolsista CNPq; e-mail: barreto.souza@ufrgs.br .
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8825989838852876>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5678-3951>

Um ritual como esses é um acontecimento social de grande relevância no contexto em que está inserido. No dia 15 de janeiro de 2017, era realizada, no terreiro Ilê Axé Akaraizô, em Salvador, Bahia, um Olubajé de Obaluayê, uma festa dedicada a esse orixá. Naquele terreiro, eu viria a participar, posteriormente, de outras importantes celebrações, assim como havia antes presenciado e fotografado em outras ocasiões, festas de Caboclo e de Xangô: de confirmações de 7 e 14 anos, uma festa de iniciação, além de encontros vespertinos com o pai Ubaldo, babalorixá da casa, e o prof. Fernando Firmo Luciano, que conduziu trabalhos de captura de imagens e sonoridades como evidências etnográficas, para realização de montagem e edição filmica, sincronização de áudio e finalização, que culminariam em exibição no próprio terreiro, nos anos de 2015 e 2016, juntamente também com o colega Pedro Paulo Skinner.

Em todos esses momentos, com um uso respeitoso do equipamento fotográfico, filmico e de gravação de áudio, com a permissão do babalorixá e orientações dos alabês e ekedes para não fazer registros em determinados momentos dos rituais. O festejo que retratamos é uma festa dedicada ao orixá ao qual é ligada uma pessoa recém iniciada. A mulher iniciada, filha de Obaluayê, vestida com as vestimentas que caracterizam o orixá, “revivia” o mito em forma de rito, conforme as palavras de nosso interlocutor privilegiado de pesquisa, ogã/ alagbê da casa, um pouco da história da vida daquele orixá é “encenada”, “representada”, ao longo do ritual. As relações entre os orixás, as comidas típicas do seu agrado, a maneira como se serve, a ordem das pessoas servidas, o modo como se come — todos esses detalhes variam entre uma celebração a Obaluayê e outra a Xangô e Oyá, por exemplo.

O ensaio fotoetnográfico retrata vestimentas, dança, símbolos, paramentas de orixás, alimentos relacionados a Obaluayê/ Omolu/ Xapanã¹ forma de servir (em folha de mamoná) os alimentos a serem pegos com as mãos para serem ingeridos, a interação, a devoção e a fé dos participantes, completamente envolvidos no ritual, pelos toques, cantos, gestos e olhares. Estas fotografias, de modo semelhante ao processo relatado por Souza (2021), apontam para dimensões relacionais envolvidas na atividade: a interação visual e corpórea entre os participantes do ritual e o pesquisador fotógrafo etnógrafo, pelo espaço onde se desenrola a celebração, (conforme demonstrado através da sensação de movimento, quase vertigens, sugerida por algumas das imagens); as interações entre participantes “vestidos à caráter” (com vestimentas de orixás ou roupas confeccionadas com roupas africanas) e aqueles vestidos com roupas “ocidentais”, “sociais”; a interação entre as pessoas e os símbolos no barracão.

1 - Obaluayê, o jovem. Omolu, o velho. Xapanã foi mais uma nomenclatura, essa atribuída pelo célebre candomblecista, fotógrafo e antropólogo francês radicado na Bahia, Pierre Verger.

Nesse sentido, considerando aspectos objetivos visualizados e registrados, porém sem esquecer que, simultaneamente, subjetividades estão em jogo, amparado nas palavras de Gell esse fazer etnográfico ancorado na compreensão do dinamismo inerente ao objeto e a importância da maneira como esse objeto é percebido, experimentado no plano subjetivo (e intersubjetivo): “O aspecto dinâmico do ato de percepção é subjetivamente experimentado como uma propriedade dinâmica do objeto sendo percebido” (GELL, 1998, p. 78).

Tacca (2015) e Novaes (2015), concordam a respeito da importância de um adensamento etnográfico através de uma inspiração literária que permita algum distanciamento entre as palavras e o olhar fotográfico, sinalizando a relevância disto para o aprimoramento de um estilo pessoal, da autoria, da estética, em textos e em imagens do fotógrafo-antropólogo, assegurada uma articulação da fundamentação teórico-conceitual. Com as palavras, achei inspiração na saudação ao orixá: Atotô Obaluaê! “Salve o Rei e Senhor da Terra”. As vestimentas, de palha, escondem o segredo da vida e da morte. A seca e a “quentura” da terra, como o calor, o fogo e o sol, estão relacionados ao orixá do mistério e do segredo; das doenças infecto-contagiosas, da proteção e da cura; da vida e da morte.

Referências

ROCHA, Ana L. C. da. Tecnologias audiovisuais na construção de narrativas etnográficas. Um percurso de investigação. In: *Illuminuras*, n. 11. 2004. Porto Alegre.

ROCHA, Ana L. C.; ECKERT, Cornélia. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. In: *Illuminuras*, n. 10. Porto Alegre, 2003.

SANTOS, Flávio Gonçalves dos. Economia e cultura do candomblé na Bahia: o comércio de objetos litúrgicos afrobrasileiros — 1850/1937. Editus. Ilhéus, 2013.

SOUZA, L. 2020. A vida dos artefatos: arte/artesanato de palha na Feira de São Joaquim, Salvador-Bahia. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal da Bahia.

TACCA, Fernando de. Fotografia: intertextualidades entre antropologia e arte. In: NOVAES, Sílvia Caiuby. Entre ciência e arte. A fotografia na antropologia. São Paulo: Edusp, 2015.

VERGER, Pierre. Notícias da Bahia — 1850. 2ed. Corrupio. Salvador, 1999.

_____. Retratos da Bahia, 1946–1952. 4ed. Corrupio. Salvador, 2005.











